

Como terminará o capitalismo?

Como terminará o capitalismo? O sociólogo alemão Wolfgang Streeck pergunta isso em seu último livro, “How will capitalism end?”, e sua resposta não é exatamente lisonjeira: “Antes que o capitalismo vá para o inferno, ele permanecerá no limbo no futuro próximo, morto ou prestes a morrer de uma overdose de si mesmo, mas ainda em tensão, pois ninguém terá o poder de remover seu corpo no meio da decadência”. Depois do capitalismo, explica Streeck, virá um interregno caracterizado pela instabilidade e a ingovernabilidade, no qual os indivíduos, abandonados ao seu destino, podem ser atingidos por um desastre a qualquer momento.

Streeck era um professor universitário pouco conhecido até que, após a Grande Recessão do final dos anos 2000, seus artigos na New Left Review começaram a atrair admiradores para sua análise aguçada do novo mundo em que estávamos entrando. O volume “How will capitalism end?” reúne estes artigos, nos quais, de forma clarividente e provocadora, o autor coloca preto no branco, com dados que descrevem nossa realidade e reflexões profundas que nos ajudam a compreendê-la, o sentimento de mal-estar que nos agarrou nos últimos e tempestuosos anos desde que tudo foi para o inferno.

Streeck argumenta que o processo de decomposição do capitalismo já está em curso. O capitalismo “avançado” (as aspas sarcásticas são do autor) dos países da OCDE vem se escalonando de crise em crise desde os anos 70. Cada crise, um elemento inerente ao sistema, foi colocado numa gaveta, de modo que a solução temporária encontrada acabou por abrir outra gaveta sob a forma de outra crise, e assim por diante. O cobertor com o qual os governantes tiveram que manobrar é muito curto: se tentaram cobrir os pés da economia, com medidas impopulares exigidas pelos técnicos, descobriram o peito da política, porque causaram o descontentamento do eleitorado. O desequilíbrio entre economia e política é

intrínseco.

Desde 2008, diz Streeck, estamos vivendo a última etapa desta sequência de crise. A estagnação econômica, a dívida e a desigualdade – “os três cavaleiros do apocalipse do capitalismo contemporâneo” – continuam a devastar a paisagem econômica e política. Hoje, o endividamento conjunto é mais elevado do que nunca e a “recuperação” (outras aspas invertidas irônicas do autor) não é mais do que a substituição do emprego de baixa qualidade pelo desemprego.

Quanto à desigualdade sistêmica, esta atingiu tal nível, denuncia Streeck, que os mais ricos podem, com razão, considerar que o seu destino se tornou independente do destino das sociedades das quais derivam a sua riqueza e que, por conseguinte, podem dar-se ao luxo de deixar de se preocupar com os seus concidadãos. Para manter esta situação, os megaliths usam diferentes estratégias. Por exemplo, eles compram legitimidade social através de atos de filantropia que preenchem parcialmente as lacunas nos serviços sociais deixadas pela sua própria evasão fiscal.

À medida que a sequência de crises avançava, o casamento de conveniência entre capitalismo e democracia vai se desfazendo. A tomada de decisões sobre a distribuição de recursos escapou do âmbito da ação coletiva, transformando-se em uma esfera mais remota e opaca, controlada por executivos de bancos centrais, organizações internacionais e reuniões intergovernamentais de ministros.

A viabilidade do modelo keynesiano que governou nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, explica Streeck, dependia do poder político e econômico que os trabalhadores pudessem exercer nas economias nacionais mais ou menos fechadas da época. Com o fim, nos anos setenta, desta idade de ouro do crescimento, as classes ricas dependentes do lucro começaram a procurar uma alternativa e encontraram-na na globalização. O capital pressionou por um novo modelo de crescimento baseado

na redistribuição de baixo para cima.

Desta forma, continua Streeck, começou a marcha rumo ao neoliberalismo, como uma rebelião do capital contra o keynesianismo. As menores taxas de crescimento foram aceitáveis para as novas potências, desde que compensadas por taxas de lucro mais elevadas e por uma distribuição cada vez mais desigual dos recursos. A democracia tornou-se uma ameaça a este novo modelo e, por conseguinte, teve de ser desligada da economia política. Assim nasceu a “pós-democracia”, que Streeck caracteriza com uma frase brilhante: “agora os Estados estão situados dentro dos mercados, e não dentro dos Estados”.

A indústria financeira, ao se globalizar, escapou ao controle democrático, tornando-se um governo privado internacional por conta própria, comandando as comunidades políticas nacionais e seus governos. Hoje, argumenta Streeck, a democracia pode ser concebida como uma luta entre dois “eleitorados” – cidadãos de Estados e mercados internacionais – em que o poder do dinheiro está acima do poder dos votos.

A democracia, lamenta Streeck, perdeu o seu carácter redistributivo e igualitário, pelo que, em aspectos importantes, não faz diferença quem governa. Esta pseudo-democracia serve para fingir que a sociedade capitalista é um produto da eleição popular, quando na realidade o controlo democrático já desapareceu há muito tempo. Assim, a “democracia”, esvaziada de conteúdo substancial, torna-se uma sucessão de debates estéreis sobre os estilos de vida e as características pessoais dos políticos e outras questões culturais.

A globalização, diz Streeck, levou as oficinas subterrâneas que Marx e Engels encontraram em Manchester para a periferia do capitalismo. Assim, hoje os trabalhadores explorados do Sul global e os trabalhadores da classe média do Norte nunca têm a oportunidade de experimentar juntos o sentido de comunidade e solidariedade que nasce da ação coletiva em comum. Os

explorados são, na melhor das hipóteses, objeto de caridade, enquanto o estilo de vida consumista do Ocidente depende da continuação desta exploração. Ao comprar camisetas ou telefones celulares baratos, os trabalhadores dos países ricos, como consumidores, estão pressionando a si mesmos como produtores, acelerando a deslocalização da produção para o exterior e, ao mesmo tempo, minando seus próprios salários, condições de trabalho e empregos.

Entretanto, explica Streeck, a crescente flexibilidade do mercado de trabalho colocou os indivíduos sob pressão incessante para organizarem as suas vidas em resposta às exigências imprevisíveis de mercados cada vez mais competitivos. O resultado é uma crescente polarização entre massas de perdedores empobrecidos; classes médias super-exploradas e absurdamente ocupadas, que são obrigadas a contribuir cada vez mais horas de trabalho e mais intensidade apesar de gozarem de uma prosperidade sem precedentes; e uma pequena elite de super-ricos cuja ganância não conhece limites, enquanto os seus bônus e dividendos há muito que deixaram de cumprir qualquer função útil para a sociedade como um todo.

Para que este estado de coisas possa ser sustentado, o sistema incentiva quatro tipos de comportamento que Streeck chama de coping (enfrentar a adversidade com paciência e otimismo sem fim), esperar (acreditar de forma ilusória que um futuro melhor nos espera apesar das circunstâncias em que nos encontramos), doping (recorrer a ajuda externa como, por exemplo, drogas) e compras (ser um membro obediente da sociedade de consumo).

Uma objeção razoável à análise de Wolfgang Streeck é que ela se concentra exclusivamente nos países mais desenvolvidos, ignorando o tremendo progresso feito nas últimas décadas na redução da pobreza extrema, mortalidade infantil ou analfabetismo globalmente. Embora seja possível argumentar que o mundo nunca foi melhor do que agora, o sofrimento e o

desespero de amplas camadas da população são inegáveis. Se as teses de Streeck soam excessivas ou não dependerão da situação do leitor, mas se são exageradas ou não, a sua inteligência e coerência são esclarecedoras.

O livro se concentra em analisar problemas em vez de propor soluções. No entanto, Streeck aponta algumas ideias para conseguir melhores condições de vida e de trabalho para a grande maioria das pessoas. Por um lado, o movimento sindical precisa de ser revitalizado. Os Estados não devem ter de desempenhar as funções que lhes são confiadas pelos seus cidadãos em benefício da sociedade, pedindo dinheiro emprestado, que depois deve ser reembolsado com juros aos credores, que, por sua vez, deixam a sua riqueza em herança aos seus filhos.

E o que fazer para restaurar o papel da democracia como um corretivo efetivo do capitalismo? Streeck é muito cético quanto às possibilidades de governação, coesão social e solidariedade que podem ser alcançadas numa Europa supranacional (não digamos à escala global), pelo que defende que, em vez de tentar alargar o alcance da democracia para abranger o dos mercados capitalistas, faça o que puder para reduzir o alcance destes últimos ao dos primeiros. Em outras palavras, para Streeck, a única maneira de colocar o capitalismo de volta sob controle democrático, e assim salvá-lo da extinção, é “desglobalizá-lo”.

Uma reflexão final de Streeck serve de conclusão e alerta aos navegadores: as supostas leis naturais da economia nada mais são do que projeções das relações sociais de poder, que nos são apresentadas como necessidades técnicas. Se esquecermos isso, a economia capitalista simplesmente se torna “a economia” e a luta social contra o capitalismo é substituída por uma mera luta política e jurídica pela democracia.

A democracia que temos não é suficiente se não nos permitir pôr fim às injustiças desta forma de capitalismo que sofremos.

Original: CXTX